

importância feminista ao movimento pós-moderno, inserir a presença do pensamento das mulheres, essas esquecidas da História, nas brechas abertas pela crítica das metanarrativas patriarcais. Isso feito, Brossard mostra a heterogeneidade dos feminismos, uma multiplicidade de práticas discursivas e políticas que gravitam todas em torno do papel do gênero sexual na construção textual do sujeito feminino.

A livraria de Outrora¹

André Carpentier²

*Tradução de Maria Alice Espíndola
e Nubia Jacques Hanciau³*

Revisão de João Reguffe⁴

Aos 35 anos, Luc Guindon era um jovem escritor muito apreciado nos círculos literários. O público também recebera bem os seus primeiros romances. É preciso dizer que essas obras, cujas ações situavam-se no coração do Montreal francófono do século 19, chegaram em plena moda retrô. Todavia, para Luc Guindon não se tratava do efeito de uma moda, mas de uma paixão que sua atividade de historiador tornava ao mesmo tempo justificada e mais fácil. Pois Luc era principalmente conhecido como especialista da micro-história da cidade de Montreal e seus arredores. Suas duas obras históricas, *A pequena história do Main* e *História dos bairros de Montreal*, fizeram grande sucesso nas livrarias e lhe valeram alguns prêmios de organismos nacionais, assim como a admiração da geração dos cégeps⁵, a quem os professores de história e de sociologia faziam ler essas obras.

E para viver (pois, como todos sabem, os direitos autorais não rendem o pão de cada dia), Luc apresentava uma crônica sobre a história da cidade de Montreal nas ondas FM da Rádio Canadá.

Ademais, Luc Guindon era conhecido por ser filho do célebre notário Guindon, Armand Guindon, que foi sucessivamente vereador na administração de Camilien Houde⁶, deputado silencioso sob Duplessis⁷ e também historiador e especialista em história do quotidiano da cidade de Montreal. O notário Guindon faleceu em 1972, aos 77 anos.

Mas agora Luc era mais conhecido como o neto de Lucien Guindon, (1845-1923), crítico literário e musical na *Minerve* e depois na *Presse*, e célebre escritor do final do século 19. Efetivamente, o único escritor de antecipação de nossa história literária. Um gênio visionário, que pressentiu muito antes da hora o progresso de algumas das maiores realizações técnicas do século vinte. O poderio

¹ Publicado por especial permissão do autor.

² UQAM, Canadá.

³ Departamento de Letras e Artes-FURG

⁴ Editora da FURG

⁵ No Quebec, escola de ensino geral e profissional (colegial), situada entre o secundário e o universitário.

⁶ Camilien Houde (1889-1958). Primeiro-ministro do Quebec, substituído por Maurice Duplessis em 1933.

⁷ Maurice Duplessis (1890-1959). Primeiro-ministro nas décadas de 30, 40 e 50.

atômico, por exemplo, do qual ele falou em 1879, em uma novela intitulada "Trois heures plus tard"⁸, os arranha-céus, dos quais descreve, com bastante fidelidade, a função social, isso desde 1881, em uma novela intitulada "Et l'air vint à manquer"⁹; ou a miniaturização eletrônica em "Voyage au centre de la lune"¹⁰ (1884), isso sem contar numerosas descobertas científicas, médicas e até mesmo artísticas, que lhe valeram o ridículo e as zombarias gerais da sociedade francófona bem-pensante de Montreal e de Quebec, orientada pelo clero e por alguns inquietos intelectuais da época.

Ora, somente agora, mais de cinquenta anos após sua morte, redescobrimos esse grande visionário! E isso graças a uma obra notavelmente bem documentada, escrita e publicada por conta do autor, seu neto Luc Guindon. Graças ao grande sucesso desse livro, intitulado Lucien Guindon, o visionário, Luc pôde reeditar mais de trinta das aproximadamente cento e trinta e cinco obras escritas por seu antepassado, entre 1878 e 1899.

De certo modo, poderíamos dizer que Luc estava satisfeito com a vida. Ainda que sua renda não lhe permitisse muitas fantasias, tinha a sorte (do que estava perfeitamente consciente) de trabalhar conforme seu prazer e no seu próprio ritmo. Mantinha, por exemplo, uma volumosa correspondência com numerosos historiadores, ou simplesmente (e isso lhe dava ainda mais satisfação) com pessoas idosas que podiam testemunhar sobre diferentes fatos de nossa micro-história e que alimentariam a originalidade de sua documentação.

Ora, precisamente nessa manhã, ao sair de sua casa, Luc encontrou seu amigo Ti-Bi, o carteiro, a quem, aliás, considerava como o mais importante de seus fornecedores. E Ti-Bi lhe entregou uma carta (uma só carta, e isso o surpreendeu), que ele começou a ler enquanto descia a boa e velha rua Laval, em direção ao carré Saint Louis. Uma carta como esta só podia chegar só, pensou, à medida que avançava na leitura da estranha missiva:

Montreal, 16 de agosto de 1978.

Caro senhor

Sou um homem de idade madura (na verdade, breve farei noventa anos), que conheceu bem vosso avô, o agora e enfim célebre Lucien Guindon, nos seus últimos anos de vida.

Lucien Guindon era um homem muito reservado e muito amargo. E essa amargura, devido à incompreensão dos intelectuais de seu tempo, fazia dele um homem muito pouco loquaz, de modo que nos

⁸ Três horas mais tarde.

⁹ E o ar veio a faltar.

¹⁰ Viagem ao centro da lua.

foi sempre impossível, aos meus amigos e a mim, que o admirávamos tanto, levá-lo a desvendar as verdadeiras razões que o haviam conduzido a essa carreira tardia de escritor de antecipação.

Com efeito, ele nunca consentiu em nos revelar esse "pesado segredo" ao qual ele às vezes fazia alusão e que estava, se ao menos podemos acreditar em suas últimas palavras, na origem de sua surpreendente carreira.

Se tomo a liberdade de vos escrever hoje, é para destacar um pequeno erro que apareceu em vosso muito belo e interessante livro que acabais de lhe consagrar.

Escreveis, na página 97, que ele nunca fizera menção, em sua obra, a sua própria época, mas que as ações de suas novelas se passavam no nosso presente, isto é, no seu futuro. Tendes quase razão. Digo quase porque existem três exceções a essa regra: três exceções que aliás formam uma única, pois trata-se das três novelas (L'horloge du désert, La fin des glaces e L'image sans fil)¹¹ que começam do mesmo modo. O herói, no início de cada uma delas, visita um livreiro seu amigo que tem uma loja na rua Saint-Denis, a fim de pedir-lhe conselho.

Senhor Guindon, peço-lhe que me creia... Esse livreiro era meu pai, Antoine, que foi amigo íntimo de Lucien Guindon e, por conseguinte, recebia-o seguidamente em nossa casa e em seu comércio de livros, A Livraria de Outrora. Eu mesmo, ao que parece, sentei-me ao colo de vosso avô antes de tornar-me amigo de vosso pai; era sete anos mais velho e, confesso, um pouco o confidente de vosso avô no fim de sua vida...

Gostaria muito de vos ver e conversar sobre essa época. Tenho muitas coisas a contar.

Vinde pelas cinco horas. Mas não demoreis demais, pois na minha idade...

Hector Dumas
XXXX, rue Saint-Denis,
Montreal

Pela primeira vez, desde que morava nesse bairro que tanto amava, Luc atravessou o carré sem pensar, como fazia habitualmente, em tudo o que esse parque havia representado para numerosas gerações francófonas; nem ao menos procurou avistar os jovens estudantes do cégep do Vieux-Montreal, que vinham seguidamente sentar-se encantados com as árvores, o vento quente e o canto dos pássaros da cidade. Ele seguiu reto pela rua Saint-Denis, com raiva de si mesmo por não ter achado essa extraordinária testemunha antes da publicação de seu livro!

Depois, como chamado à realidade pelo sol, verificou que era apenas meio-dia. Tinha então cinco horas de espera antes de ir conversar um pouco com

¹¹ O relógio do deserto, O fim dos gelos e A imagem sem fio.

Hector Dumas. Assim tinha tempo de sobra para ir à Biblioteca Nacional a fim de informar-se sobre essa Livraria de Outrora, pois isso lhe facilitaria a entrevista com o velho senhor. Mas ele sofreria uma decepção...

Primeiro, suas pesquisas foram em vão. Mas depois, em velhos anuários, verificou que essa livraria só havia existido de 1878 até 1899! Fato surpreendente, este período era o mesmo da carreira de escritor futurista de Lucien Guindon. Luc havia trabalhado muito sobre esses vinte e um anos e alguns meses para não perceber imediatamente essa coincidência...

Ele saiu da Biblioteca Nacional mais ansioso do que nunca para encontrar-se com Hector Dumas. Mas, como eram somente duas horas e dez, foi, como quase todos os dias, sentar-se em um terraço para beber algumas cervejas no meio de uma multidão calma mas ocupada, observando uns e conversando com outros.

Fazia um calor tórrido em Montreal nesse dia de agosto, e a umidade parecia esmagar tudo à sua passagem. Isso o fez falar mais intensamente e beber com mais avidez, secando continuamente seu bigode nos punhos das mangas e soprando na abertura de sua camisa branca.

O tempo foi passando, de copo em copo, de mulher em mulher, de amigos em amigos, tudo isso banhado em sua sede e em discussões estéreis. E foi tudo tão rápido que somente ao ouvir alguém pedir comida que se deu conta de que já havia passado das cinco horas! E sua surpresa aumentou quando viu que, a alguns passos, na rua Saint-Denis, já estava escuro! A noite chegava a ser opaca. Somente algumas janelas iluminadas davam impressão de vida no exterior do café-terraço. Parecia uma espécie de painel gigantesco indicando as coordenadas de um voo além da noite dos tempos.

E assim ele perdeu irremediavelmente seu encontro. Sem dúvida era tarde demais para ir bater à porta do ancião, que, certamente, já devia estar dormindo há muito tempo, confortavelmente imerso em alguma imagem de seu passado. E também, principalmente, mesmo não estando bêbado demais para dar-se conta, estava o bastante para estragar esse importante encontro!

Só lhe restava recomeçar a beber. Quanto mais bebia, mais pensava que a noite era apenas um tênue e efêmero traço de união entre as infinitas fontes geradoras do sol e da vida! Tudo durou até que o solo começou a dançar sob seus pés e sua língua teve dificuldades com as sílabas mais difíceis. E depois, levado por aqueles que o rodeavam e apoiavam, decidiu voltar para casa e descansar seu cérebro confuso sobre uma pilha de travesseiros...

Mas não contava com os acasos estranhos e os mistérios inquietantes da noite negra... a sem-lua, a sem-auréola, a que faz cair o pássaro na escuridão das trevas...

Ora, à noite, seguidamente, nas ruas das grandes cidades, múltiplas almas desamparadas vêm passear seus corpos de corvos noturnos nas pegadas da multidão; e como para diferenciar-se dos transeuntes agitados do dia, esses

pássaros da noite, que confundem o sol e a lua, geralmente em pequenos grupos, acentuam a penumbra com seu caminhar dolente e trilham no claro-escuro das ruas mal-iluminadas. Muitas vezes, parecem cabides carregados de velhos casacos que sulcam a noite e se cruzam sem cessar, sem se reconhecer... Pois à noite, repetia Luc, todos os pássaros são pardos!

Ao deixar o café nessa noite, ele teve a impressão de pertencer de corpo e alma a essa raça pálida e curvada que até então só havia olhado distraidamente, sem dar-se conta de que ele mesmo pertencia a esse pequeno mundo como o fruto à árvore. De certo modo, isso o confortou. Sentia-se agora como em sua casa, entre a multidão dispersa mas vivaz da noite. Ele sorria ao desconhecido e estava muito orgulhoso. Se pudesse caminhar em linha reta, sem titubear nem ziguezaguear, sua felicidade seria completa.

Ele concentrou todas as suas energias para encontrar o equilíbrio, tanto moral quanto físico. Foi sem dúvida com essa intenção que começou a ler sistematicamente todos os endereços das casas diante das quais perambulava penosamente. Anunciava os números em voz alta e em seguida respondia ao seu próprio eco. Foi assim que começou a correr, a fim de não perder seu ritmo de leitura. Mas como sói acontecer, o corpo não podendo acompanhar o espírito, caiu pesadamente na calçada após ter tropeçado nos pés como nos filmes de Carlitos. Certamente — e nisso era fiel à raça irascível dos homens ébrios — não se machucou. Bateu com a cabeça no meio-fio, mas nem se deu conta.

De fato, mais do que a dor, foi seu isolamento, sua solidão, nesta rua habitualmente movimentada, que o surpreendeu. Pareceu-lhe, tanto se sentia perdido, estar ao mesmo tempo no espaço e no tempo, e que um raio de lua, como um refletor de teatro, iluminando apenas ele, dando a impressão de isolá-lo sobre um imenso palco. Mas não era a lua, essa pobre louca que havia partido ao pólo oposto a namorar o sol, que o cercava também com sua luz; era uma vitrine que via em contraluz e cuja iluminação interior aumentava rapidamente. Através dessa vitrine, Luc distinguia cada vez mais claramente a presença de um homem de mais ou menos trinta anos, barbudo e ruivo, que parecia muito ocupado examinando livros velhos. Forçando os olhos e tomando distância, leu, pintado em semicírculo na vitrine: A Livraria de Outrora.

Aquilo pareceu desembriagá-lo de um só golpe! Então, levantou-se e se aproximou lentamente — como um caçador espreitando sua presa — daquela livraria desconhecida...

Pensou inicialmente que era a única livraria que ele não conhecia em toda a ilha de Montreal e nos arredores. E, tão perto de sua casa, além disso, nesta rua Saint-Denis, que ele acreditava, no entanto, conhecer de cor!

Depois releu duas ou três vezes o nome da loja na vitrina e sobre a insígnia de ferro, iluminada pela única luz vinda do interior. Tirou então de seu

bolso a carta de Hector Dumas para finalmente dar-se conta de que se tratava do mesmo endereço!

Sua curiosidade, não era de duvidar, estava seriamente colocada à prova. Então, frágil diante do mistério, como todos os grandes pesquisadores deste mundo, decidiu bater à porta da Livraria de Outrora.

Estranhamente, o homem ruivo que veio abrir-lhe a porta pareceu reconhecê-lo mesmo através da abertura envidraçada. Recebeu Luc com tal deferência que este julgou-o imediatamente sofisticado e pomposo.

— Quanta honra para mim, caro senhor Guindon, recebê-lo em minha humilde loja ... Ainda mais que a abertura oficial deve ocorrer somente amanhã!

— Eu serei, portanto, seu talismã, disse-lhe então Luc, fortemente impressionado por sua reputação e do caso que faziam dele ali!

— Esperemos que isso dure cem anos ou mais.

Sobre essas coisas os dois homens multiplicaram reverências e sorrisos, até que o livreiro ruivo, com um gesto e um movimento dos olhos indicando a direção a seguir, permitiu a seu visitante chegar entre as prateleiras para remexer nos livros.

Então, começou para Luc uma surpreendente busca de prazer e de saber. Surpreendente porque o jovem historiador, por uma razão que ele não compreendia muito bem, não se sentia realmente à vontade, apesar de que à primeira vista se poderia dizer que se encontrava em seu meio. Também, no início, não fez mais que olhar, sem tocar, como um convidado tímido que espera o anfitrião servi-lo primeiro de chips ou de canapés...

Essa hesitação, mais física que moral, permitiu-lhe muito rapidamente esclarecer seu embarço. Ele percebeu, com efeito, a causa de seu desconforto desabitual em um universo livresco: era o sinal dos tempos! Quer dizer, a época de todos aqueles livros: fim do século dezoito, início do dezenove!

E ao mesmo tempo que compreendia isso, ouvia atrás dele o homem ruivo, inclinado sobre uma caixa, exclamar em uma língua castigada à vista do que ela continha. Então, como o convidado tímido diante dos canapés que, sem muito escolher, pega o mais apetitoso, Luc tira um grande volume com lombada de couro.

Aquele livro, um belo objeto, provocou-lhe, no espaço de um instante, um profundo sentimento de conforto, misto de estranheza e refinamento. Sobre a capa, duas pequenas iniciais, A.D., gravadas bem no meio, salientavam o pálido couro com um brilho dourado.

O curioso livro era composto de umas trinta folhas brancas, protegidas igualmente por folhas de papel-bíblia, cuja maioria tinha desenhos em cores vivas. Além do mais, aqueles desenhos, originais, não se podia duvidar, representavam todos o mesmo imóvel: a Livraria de Outrora, algumas vezes vista da rua, outras

vezes representando o interior. Além disso, podia-se ler sobre uma página em branco, escrito à mão com uma elegância que não se vê mais em nossos dias: A Livraria de Outrora, desenhos originais de A.D., exemplar número vinte e um.

— Diga-me, este livro é para vender? perguntou nervosamente Luc ao homem ruivo, que, absorto em seu trabalho, sobressaltou-se ouvindo a voz de seu cliente.

— Certamente, respondeu o outro se aproximando, pois estava sobre a prateleira. Mas receio que seja um pouco caro. Veja você, eu mesmo fiz esses desenhos um a um e ...

— Quanto? interrompeu Luc, surpreendido pela atitude do livreiro.

Mas o homem hesitava, não sabendo muito bem como se conter, o que Luc não deixou de observar. Assim, ele decidiu fazer o jogo do cliente bondoso:

— Você não o venderia por cinquenta dólares ...

— É certo que não, respondeu o ruivo. Mas por menos de quarenta dólares, eu não sei se ...

Luc caía das nuvens: o livro valia muitas vezes aquela soma! Então ele se informou dos preços de algumas outras raridades bem à vista sobre as prateleiras e em uma pequena biblioteca envidraçada. Não é de duvidar, os preços pedidos pelo livreiro eram muito baixos, realmente muito baixos! Apenas dez ou quinze por cento do valor real!

Temendo, portanto, que aqueles livros de coleção caíssem nas mãos de neófitos, Luc resolveu advertir o jovem livreiro da falta de realismo de seus preços, mas não sem ter ele mesmo aproveitado previamente. Depois, ainda que indeciso em seu nervosismo, ele conseguiu amontoar em uma caixa de madeira uns quarenta livros cujo preço total chegava a cento e cinco dólares, e pediu que colocasse tudo de lado.

— Amanhã venho com o dinheiro.

Mas, lembrando-se em seguida de que passaria quase todo o dia seguinte no estúdio, para registrar uma série especial consagrada à história do bairro Hochelaga, ele disse ao homem de barba que um impedimento maior não lhe permitiria voltar no dia seguinte antes da hora normal de fechamento.

— Não há problema, replicou o livreiro. Eu o esperarei mais ou menos até as sete horas. Tome, eis aqui sua fatura.

E os dois se separaram, ambos certos de terem feito um bom negócio.

No clamor sufocado da multidão adormecida, eis como a História regenera suas tramas; é difícil compreender o que aconteceu com o jovem comerciante de livros, enquanto Luc, por sua vez, ia terminar a noite e gastar seus últimos dólares em uma boate sombria da rua Saint-Laurent. Da noite espantosa que se seguiu ele não guardou mais que uma opressiva lembrança de cerveja, de música e de jatos coloridos de luzes. Tudo acompanhado de uma violenta dificuldade de raciocínio, que começou a lhe oprimir o crânio desde o nascer do sol.

E depois, mais sutilmente, como uma lembrança tenaz, voltou o barulho de um galope de cavalo sobre o macadame e o deslizar em eco de muitas carroças poluindo o silêncio da cidade adormecida...

No dia seguinte, perto das dezoito horas, saindo dos estúdios da Rádio Canadá na ponta dos pés, a fim de não aumentar sua dor de cabeça, Luc se dirigiu imediatamente à rua Saint-Denis e à Livraria de Outrora.

Ele se julgou, inicialmente, bem distraído, por não ter guardado com exatidão o lugar; depois, bastante incompetente por não reencontrar a livraria logo em seguida. E, finalmente, muito estúpido, por não descobri-la.

Consultou a carta de Hector Dumas para se dar conta de que estava bem defronte ao endereço indicado, isto é, teoricamente, ao menos, diante da livraria. Mas lá não havia mais que uma pensão, como tantas outras na rua Saint-Denis. E nada de loja de livros, nem de livreiro com cabelo ruivo!

Não tendo, portanto, nada a perder, ele entrou para se informar com a senhoria. Mas logo que fez menção à livraria, onde ele, supostamente, tinha estado na véspera, a gorda mulher aproveitou para aconselhá-lo a abandonar a bebida em prol de uma vida consagrada à fé e à prece. E logo que ele perguntou se ela conhecia um velho senhor chamado Hector Dumas, ela informou-lhe que o velho morrera na véspera daquela noite, e que o filho do defunto, do qual ela não conhecia nem o prenome nem o endereço, tinha levado tudo e o quarto já estava ocupado por uma jovem bailarina de Jonquière.

Luc estava aborrecido. Não compreendia o que estava acontecendo. Cortou rápido as bisbilhotices, com o que pareceu magoar a senhoria, e foi passear ao lado do carré Saint-Louis, depois mais ao norte, na zona dos antiquários.

Mas antes de ali chegar, atravessou a rua, a fim de dar um recuo e ver se tinha se enganado de casa. Acima de tudo, aquela livraria não poderia ter-se volatilizado em algumas horas, sem deixar traços! A menos que, na sua embriaguez da véspera, ele tivesse estado em outra rua, o que era pouco provável... ou ainda que... Ou ele simplesmente sonhara toda essa história! Começava a confundir o real e o imaginário, a fabular? Perdia lentamente a razão?

Como para afastar essa última possibilidade de seu espírito, ele sacudiu energicamente a cabeça e disse em voz alta:

— Mas onde está ela?

Seu grito fora apenas lançado quando um homem alto com uniforme veio perguntar, com ar autoritário, o que ele havia perdido.

— A livraria! A Livraria de Outrora...

O policial pareceu ficar sombrio.

— Você está certo de não ter se enganado de rua?

— Com certeza! Ela estava aqui ainda ontem à noite...

E, pela segunda vez em alguns minutos, Luc foi aconselhado a abandonar a garrafa... e sobretudo antes de cear! A palavra “drogado” também chegou aos seus ouvidos e, ao menos isso, fê-lo rir um pouco.

Mais tarde, passeando de uma vitrina de antiquário a outra, cedendo aos conselhos de abstinência à sua volta, Luc se perguntava ainda, tropeçando no chão e nas pedras do calçamento, se simplesmente seu cérebro não começara a saltar, atendendo a um certo número de desejos recolhidos, ainda que fossem alguns dos seus mais audaciosos sonhos de colecionador!

Mas um pequeno gesto, bem banal, fê-lo esquecer imediatamente essa eventualidade. Metendo a mão no bolso do paletó, encontrou uma fatura amarelada com o timbre da Livraria de Outrora e totalizando a soma de cento e cinco dólares! Além do mais, o endereço era idêntico àquele inscrito sobre a carta do defunto Hector Dumas.

Subitamente, no entanto, um pequeno detalhe daquela fatura mergulhou-o nas mais inquietantes meditações! A data: 18 de agosto de 1878!

Nos dias que se seguiram, Luc viu sua correspondência se acumular de modo alarmante; algumas pesquisas em curso ficaram também sobre o canto de seu estúdio sem que ele prestasse a menor atenção. Negligenciou igualmente sua crônica semanal, contentando-se, o que não lhe era habitual, em narrar generalidades e velhas notícias, parafraseando uns, citando outros.

Cada noite, igualmente, ele descia a rua Saint-Denis até os terraços e voltava após o fechamento, aliás, geralmente bêbado, mas com a garganta seca, apesar de tudo, por ter falado muito. E quando passava defronte à famosa livraria-fantasma, estivesse ele com amigos, parava sempre alguns segundos, como se detivesse ainda alguma esperança de encontrar algum indício da existência da loja e do homem ruivo!

Ora, justamente numa noite de chuva forte e muito vento, devia ser aproximadamente meia-noite e meia — enquanto caminhava lentamente contra a tempestade, transido, tiritando, qual não foi sua surpresa, seu horror quase, ao

levantar distraidamente os olhos para a antiga pensão de Hector Dumas e reconhecer a Livraria de Outrora, docemente iluminada por uma luz difusa e dançante! O que, além do mais, o fez lembrar de que fora assim a primeira vez...

Ele se precipitou sem hesitar, dessa vez mais à procura de seu próprio equilíbrio psíquico do que de livros de coleção. Aliás, é necessário dizer que ele já havia gasto, para não dizer bebido, há muito tempo os cento e cinco dólares que retirara da Caixa Popular, no dia seguinte à sua primeira visita à loja.

Então, sua primeira reação foi de se dirigir ao livreiro ruivo e lhe pedir confirmação do endereço de seu comércio. Mas não teve tempo de dizer a primeira palavra, pois o livreiro o repreendia, censurando severamente seu atraso!

Luc não compreendia muito bem o que se passava. Balbuciava que não estava consciente mas que... lamentava, ... não conseguia se explicar; o outro o cobria de censuras e de ressentimentos. E enquanto se abaixava sob o balcão para pegar a caixa de livros colocada de lado por Luc, ele deu um forte encontrão no jovem historiador, lançando uma frase que, partindo dele, era, sem dúvida, muito banal:

— Eu tinha lhe dito, ontem, que o esperaria até perto de sete horas, senhor Guindon. Chamo-lhe a atenção de que já é quase uma hora da manhã. É porque lhe tenho muita admiração e pelo trabalho que faz que...

— Ontem, cortou Luc, confuso!

— Sim ... ontem à noite... logo que você veio me ver...

Nesse momento, para Luc, as coisas começaram a se precipitar.

Enquanto tentava explicar ao homem ruivo que a cena à qual ele se referia tinha acontecido uns dez dias antes, um barulho ao mesmo tempo surpreendente e familiar veio distraí-lo de seu propósito. Era o barulho de uma outra época: aquele de uma carroça, ritmado pelo galope enérgico de um cavalo! E aquilo, misturado à luz dançante das lâmpadas de óleo no balcão e na primeira prateleira, associado também ao comportamento romântico do homem ruivo, abriu-lhe os olhos sobre o verdadeiro sentido dos acontecimentos dos últimos dias.

No entanto, transparecia sua confusão: era impossível, verdadeiramente impossível! Como teria podido, com efeito, recuar assim no tempo, e até à época de seu caro antepassado, o misterioso, mas tão presente Lucien Guindon?

Mas, ao mesmo tempo em que lutava contra a perspectiva de um retorno no tempo, não tinha dúvidas de que internamente o que mais desejava era que tudo aquilo se produzisse.

É difícil determinar o que Luc melhor interpretou como um hiato temporal: era a vontade desenfreada da História? A insatisfação de seu tempo, ou o

desejo incontido de achar seu herói ancestral? Ou era simplesmente o acaso metódico de sua loucura?

O que quer que fosse, devia se render à evidência: as carroças prosseguiram na noite chuvosa. Algumas mulheres também, com botinas amarradas e apertadas em seus corpetes, suas saias arrastando nas poças d'água, passeavam na rua Saint-Denis, rindo sob seus guarda-chuvas. E depois, três homens com chapéu-coco, que as seguiam a grandes passos, excitados pelo odor das anáguas molhadas.

O livreiro, seguramente, não deixou de observar a tez pálida e o olhar desvairado de Luc. Também ofereceu-se para ir, ele mesmo, levar os livros ao seu domicílio.

— Mandarei alguém pegar o dinheiro daqui a alguns dias, se isso pode tranquilizá-lo.

Luc não mostrou nem acordo nem desacordo. Estava pronto a aceitar não importava o quê, contanto que o deixassem ir tomar ar e se refrescar sob a chuva lenta da noite... pesada. Foi o que fez assim que o livreiro abriu-lhe polidamente a porta com um grande gesto familiar que parecia querer dizer "adeus e até logo, caro amigo".

Lá fora, Luc deixou o vento e a chuva penetrar os poros de seu rosto, tirando proveito de seu caráter vivificante, certo de que os elementos não podiam conscientemente enganá-lo. Maquinalmente, virou para o lado dos terraços; mas ali ainda, a lógica da História o levou à realidade de seu novo século; com certeza, naquele tempo em que a rua Saint-Denis servia como dormitório da pequena burguesia francófona, os terraços ainda não existiam. A prova se fazia ainda mais e mais torturante, mais e mais envolvente! Ele considerou, portanto, o fato como consumado. Não era ele, por outro lado, do tipo de homens que preferem tomar seus desejos por realidade a tomar a realidade por seus desejos?

E assim, sentiu-se plenamente integrado àquela época, ainda que sempre querendo o saber resultante do século do átomo, da eletrônica e dos arranha-céus.

Ele caminhava lentamente, descendo a Saint-Denis, bifurcando na Maisonneuve (ou, de preferência, Mignonne), fazendo a volta da Igreja Saint-Jacques, depois subindo novamente a Saint-Denis entre a igreja e o carré do mesmo nome; ou então tomava a Ontário, depois retomava sua rota pela Sherbrooke, passando defronte ao convento Soeurs du Bon Pasteur, antes de subir Saint-Denis de novo, costeando o Évêché... E, no mais forte de sua angústia, temendo então a noite, a chuva e o trovão, como o homem primitivo, perguntando a si mesmo ainda como sobreviveria naquele mundo desconhecido, onde não tinha nem vínculos nem verdadeiramente seu lugar, ele teve a idéia de ir à casa de seu memorável antepassado pedir abrigo e proteção... e, sobretudo, amizade. Em 1878, Lucien

Guindon — e quem melhor que Luc podia saber? — morava na rua Saint-Dominique, bem ao norte de Courville, isto é, hoje, Prince-Arthur.

Luc se lançou em direção àquela casa diante da qual tinha passado centenas de vezes sem jamais ter entrado. E, para isso, dobrou na Albina, margeando então o velho reservatório da Côte à Barron, também chamado Saint-Jean-Baptiste, espaço de verde e de água que se tornaria público a partir do ano seguinte e seria denominado carré Saint-Louis dois anos mais tarde... E contornando aquele velho reservatório entre algumas luminárias anêmicas e a fonte rodeada de grandes árvores, sempre atingida pela tempestade, o nascer do dia atrás de espessas nuvens, apagando lentamente sua sombra, ele deu-se conta de que precisava convencer seu avô de que o tempo que os separava acabava de se desfazer. Que ele, Luc, o filho de alguém ainda por nascer quinze anos mais tarde, e que se chamaria Armand, vinha, no raiar do dia, pedir-lhe para subscrever o imprescindível. Mas quem, melhor que esse grande espírito na aurora de uma formidável carreira de visionário, poderia acolher a testemunha do futuro sem devolvê-la ao mundo da loucura e do impossível? Talvez fosse isso, a chegada de Luc, esse “pesado segredo” que dera — ou que daria — o impulso definitivo à carreira de Lucien Guindon.

E enquanto se ouvia a chuva cair sobre as folhas e vibrar como notas na superfície da água, Luc pensava em toda a matéria, em todas as informações que ia entregar a Lucien Guindon, no papel que ia desempenhar da elaboração daquela obra maior. Talvez até pudesse lançar no mundo um imenso grito de alarme, protegendo assim uns contra a força irresistível dos elementos e outros contra os flagelos inventados e propagados pelo homem! Talvez soubesse proteger a humanidade contra ela mesma!...

Luc atravessou, então, a rua Laval e penetrou entre as magníficas propriedades de Joseph Comte e de Patrick Lawler, isto é, na pequena rua Courville. E, muito além de encontrar numerosas lojas, os múltiplos restaurantes e os murais de seu próprio tempo, Luc descobriu no escuro as aconchegantes propriedades da pequena burguesia trabalhadora e atarefada daquela época.

Ele atravessou assim as ruas Cadieux e Saint-Hippolyte antes de subir de novo Saint-Dominique até a antiga pensão de Lucien Guindon.

No momento em que chegava a alguns passos da casa, a claridade interior fez surgir o vulto de uma mulher gorda na larga porta de entrada; um pouco atrás dela, também um homem de barba, que parecia olhar por cima de seu ombro. Sem dúvida, os dois observavam Luc, que se aproximava sob a chuva, apressando-o com grandes gestos, para entrar bem rápido. Foi o que Luc fez sem hesitar.

Sobre o patamar, ele reconheceu o livreiro ruivo que, muito alarmado, censurou-o por arriscar uma pneumonia, um suicídio, perambular assim na tempestade.

— Pense bem, deixei a livraria há duas horas após sua partida e o preceito ainda duas horas em seu apartamento! A Senhora Brisebois, sua locadora, e eu, estávamos muito inquietos ...

— Meu apartamento!... interrompeu Luc.

Então, foi a senhoria que deu o golpe fatal.

— Então, senhor Lucien, você não se sente bem? Venha secar-se um pouco...

E, enquanto a mulher gorda e o livreiro dividiam sua inquietude diante do jovem febril, Luc... ou melhor, Lucien, pensou que somente ele próprio poderia aconselhar sobre sua obra, e que tudo aquilo seria em vão, porque ele já conhecia o seu futuro: “o odioso do ridículo e os risos gerais”, o esquecimento, depois o reconhecimento...

Tardio, o reconhecimento...

Châteauguay, março-maio, 1978.